

A CULTURA DO MUNDO OCIDENTAL

Guilherme Travassos Sarinho

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 18

A cultura forma sábios, a educação forma homens.

Louis-Gabriel-Ambroise (1754-1840) - filósofo francês.



Escola de Atenas - os principais filósofos do Ocidente

Afresco de Rafael Sanzio (1483-1520) – pintor e escultor italiano

Como tudo que existe no Universo está em constante evolução com o homem, desde o seu surgimento na Terra, não poderia ser diferente. Essa evolução, na espécie Homo sapiens, ocorre ao nível intelectual, moral, econômico, material (ontem habitava o chão das cavernas e hoje, apartamentos de luxo), científico, cultural, político, ético e espiritual. Às vezes essa evolução se dá mais lenta em alguns atributos e mais rápida noutros. Isso vem ocorrendo há milênios, desde a fixação da humanidade em centros urbanos. A História da Humanidade mostra vinte e seis culturas que impulsionaram a civilização ao longo de dez mil anos de desenvolvimento. Podemos definir civilização como uma evolução antropológica e histórica da raça humana, cuja origem está na raiz do vocábulo latino civitas, que originou também cidade e cidadão. A civilização ocidental se tornou herdeira de todos esses conhecimentos culturais que constituíram a base sobre a qual se assenta hoje toda a nossa sapiência. À evolução biológica, seguiu-se a evolução cultural em suas múltiplas nuances: linguagens, crenças, costumes, produções, artes, leis, padrões, hábitos, enfim, tudo o que é necessário para se

conviver em sociedades. Isso fez com que surgissem as civilizações, da qual, atualmente, a mais importante é a Civilização Ocidental, também dita Cultura Ocidental e guardiã desses princípios.

O desenvolvimento de um povo ou de uma civilização tem por base a cultura, a qual é a área de adiestramento de aptidões sociais, onde os membros dessa sociedade são capacitados a educar-se, no que os gregos antigos chamavam de “Paideia” (παιδεία), embrião de nossa cultura ocidental. A sociedade grega clássica já sabia que só através da educação um povo civilizado pode evoluir e se desenvolver. A Paideia tinha esse objetivo, ou seja, uma educação antropológica, vendo o homem como ser racional, capaz de adquirir conhecimento em várias esferas, criando, portanto, na sociedade, uma identidade cultural e histórica que possa levar essa mesma sociedade a se desenvolver cada vez mais. Entre as matérias abordadas pela Paideia, estavam a geografia, a história natural, a gramática, a matemática, a retórica, a filosofia, a medicina, a música e a ginástica. E a Paideia não surgiu do nada, mas tinha por base o que os gregos antigos chamavam de “aretê” (ἀρετή), ou seja, virtude, valor, qualidade, excelência. Vocábulo muito usado nos poemas homéricos, era compreendido como um conjunto de qualidades físicas, morais e espirituais constituídos por atributos próprios da natureza, como a hombridade e a heroicidade, a exemplo da bravura, da coragem, da força, da destreza, da retórica e de outras aptidões.

Os grandes homens gregos, muitos dos quais, esotericamente, eram à época considerados filhos dos deuses, nada mais foram do que educadores que, mesmo de uma forma independente, transmitiam seus conhecimentos ao povo grego, esculpindo, desse modo, poetas, filósofos, escritores, políticos, matemáticos, médicos (γιατρούς - iatroús) e artistas nas mais diversas áreas do conhecimento. A civilização da Grécia Antiga ou Hélade, por sua vez, foi mesclada por culturas de povos mais antigos e os de sua época, como: egípcios, mesopotâmicos, semitas, fenícios, cartagineses, romanos, anatólios, persas, indianos e outros, e essa herança cultural grega, somada ao direito romano e à religião hebraico-cristã, formaram os pilares sobre os quais está alicerçada a cultura ocidental como a vivenciamos hoje.

A Grécia Antiga nos presenteou com a sua rica cultura e tradição, seus mitos e lendas, seus seres utópicos e fantásticos que procuravam explicar a realidade da natureza, da existência e do destino humano, da vida e da morte, através de suas crenças politeístas às quais temos acesso hoje graças a sua preservação mediante poemas épicos, como a “Ilíada” e a “Odisseia”,

do poeta grego Homero; “Teogonia ou Genealogia dos Deuses” (poema mitológico cosmogônico) e “Os Trabalhos e os Dias” (poema épico focado no trabalho e justiça), do também poeta grego Hesíodo; dos “Hinos Homéricos ou Epopeias”, de autores desconhecidos e, recitados de cidade em cidade pelos antigos rapsodos (grego clássico ραψῳδός/rhapsôidós), bem como, fragmentos de poemas do “Ciclo Épico” de autores de várias cidades gregas e das “Poesias Líricas”, cantadas pelos aedos (em grego clássico: αοιδός/aoidos) acompanhada de flauta e lira. Se a cultura grega nos legou figuras míticas como deuses e semideuses, titãs e gigantes, sátiros e faunos, indígetes e heróis, nos legou também figuras místicas, como as variadas divindades, cada qual com atributos específicos, seus próprios domínios e sua maneira de ajudar ou punir os habitantes deste mundo terreno. Diante da precariedade da vida e da fragilidade humana, os gregos antigos, através do misticismo, procuravam um contato direto com essas divindades do mundo extrafísico terreno, pedindo proteção, ajuda e apoio, num contato metafísico.

A cultura grega ainda nos deu a filosofia que significa *ipsis litteris*, amor pela sabedoria, em suas várias escolas filosóficas: como a jônica que buscava a origem do mundo; a sofista que visava descobrir o fundamento das coisas; a atomista que dizia que todas as coisas são constituídas de partículas invisíveis; a epicurista que pregava que só a prática de virtudes leva à felicidade; a estoica que dizia que só a razão prevaleceria e estava acima dos sentimentos e, a escola cínica de filosofia que era a mais radical e ensinava que os bens materiais devem ser relegados em detrimento das virtudes. Os filósofos gregos buscavam entender os princípios básicos da realidade, da natureza humana, do conhecimento, da ética, da política e de questões transcendentais.

A Grécia Antiga criou e expandiu um corpo de conhecimentos baseados na observação, identificação, pesquisa e explicação de fatos naturais, que nós conhecemos por ciência, passando, então, a tentar compreender os fenômenos da Terra, buscando substituir o místico e o mítico pela razão. Já nos Séculos VI a IV, antes de Cristo, os sábios gregos interrogavam a natureza e os fatos, procurando uma explicação lógica e racional e eram conhecidos por “filósofos naturais”, que correspondem aos nossos atuais cientistas. Baseados no aforismo de Heráclito que diz que “o ser das coisas ama esconder-se”, tanto os filósofos antigamente, como os cientistas agora, buscam entender o desconhecido e iluminar o obscuro. Assim, como os gregos antigos, através dessa “ciência” embrionária, procuravam esse “ser” escondido nas

coisas, a ciência ocidental, ao longo dos anos, também tem feito em suas pesquisas essa busca através dos seus diversos campos. A cultura grega mítica e mística, ainda, fez nascer a ciência em suas várias origens e, entre estas, nos legou uma medicina deontológica, elementar, porém racional, e, ainda, herdamos a ética e suas regras morais como ramo da filosofia; a metafísica na busca de esclarecer a essência do mundo; um conceito de economia aberta como a conhecemos hoje; uma política autônoma e ampla; um sistema de democracia exercida pelo povo e o apego à liberdade individual e coletiva.

Outro grande pilar sobre o qual se ergueu a Civilização Ocidental foi o Direito ou Lex Romana, termo histórico-jurídico formado por um corpo de direito civil ou conjunto de regras jurídicas aplicados em toda a vastidão territorial do Império Romano. A própria palavra justiça vem de um vocábulo latino, Iustitia, nome da deusa da justiça representada de pé, de olhos vendados simbolizando a imparcialidade e segurando numa mão uma balança com o fiel mostrando o equilíbrio entre os dois pratos, símbolo de uma justiça idêntica para todos, e, na outra mão, uma espada, atributo do castigo e da punição. Essa simbologia do direito romano tem mais de dois mil anos de história.

A punição em Roma, o *ius puniendi* (direito de punir), se torna um direito do Estado e só ocorria após as sentenças dadas pelos tribunais, acabando com a desordem social dos povos de então. Podemos dizer que esses princípios jurídicos foram desde o *Lex Duodecim Tabularum* (Lei das Doze Tábuas) em 449 a.C., até seu ressurgimento na Itália no século XII com a fundação da Escola dos Glossadores em Bolonha, passando pelo “Corpos Iuris Civilis Romanii” (Suma Completa do Direito Romano) nos Séculos XII e XIII, quando passou a servir de base para o direito moderno. O Direito Romano criou um direito imparcial com ordem e segurança, tribunais eficientes em seus vastos territórios e uma organização política estruturada na democracia. Mesmo baseado em um direito eficiente, o mundo politeísta greco-romano ainda tinha suas mazelas jurídicas como o *pater familias*, um estatuto familiar (*status familiae*) elevado, em que o pai tinha poder de vida e morte sobre sua esposa e filhos; havia ainda, no Império Romano, violência à socapa: assassinatos políticos, traições, vícios, violências e servidão humana, festas, como os bacanais e os jogos de gladiadores. O terceiro pilar da Cultura Ocidental foi a tradição judaico-cristã ou judaico-cristianismo, que veio para alterar esse “status quo” existente até então e tido como aceitável moralmente. A origem de tudo é o messianismo judaico, surgido com a literatura apocalíptica entre os séculos II a. C. e I d.C., que previa a

vinda de um messias, um ungido, que nas religiões abraâmicas seria aquele que vem salvar, um salvador. No Oriente, a doutrina filosófica ensinada por um messias chamado Cristo, baseada em preceitos éticos e morais, na paz, na harmonia e no amor, que posteriormente passou a ser conhecida como cristianismo, apareceu no mundo grego no Século I, que já era dominado pelo direito romano e pela cultura grega, produzindo um sincretismo religioso.

Um homem chamado Jesus de Nazaré, conhecido também por Jesus Cristo, (hebraico: Yeshúa que significa salvar e em grego, Ἰησοῦς Χριστός - “Jesus Khristos”, onde Cristo significa ungido) chamado “O Filho de Deus”, dividiu toda a história da Humanidade em antes e depois do seu nascimento, tão grande foi a sua influência. A essência de sua doutrina é o amor absoluto ou, em grego antigo, ágape (ἀγάπη). A cultura da sociedade ocidental é modelada pela tradição do judaico-cristianismo, não só quanto à religiosidade, mas também aos costumes, à moral, à ética, à dignidade humana e ao estado democrático de direito. Essa moral judaico-cristã, associada à filosofia grega e ao direito romano, formou a tríade sobre a qual se estruturou a cultura do mundo ocidental, um tipo de civilização e cosmovisão que se espalhou pelo Ocidente, sobretudo no Continente Europeu e depois nas Américas e passou a influenciar o resto do Mundo, com a sua cultura e o seu modo de vida. Os povos desses países passaram a ter a mesma igualdade de direitos e deveres nas classes sociais, educação, sexos, raças, religiões, tendo por base a família, a liberdade e a democracia, onde o poder emana do povo e volta para o povo e o Estado tem por finalidade garantir esses direitos que serão repassados às futuras gerações.